

O discurso de ódio sobre corpos trans no Instagram

Hate speech about trans bodies on Instagram

Raffael Rotta

ORCID: [0009-0003-9231-6044](https://orcid.org/0009-0003-9231-6044)

Juliana Fedoce Lopes

ORCID: [0000-0002-5064-5478](https://orcid.org/0000-0002-5064-5478)

Ana de Medeiros Arnt

ORCID: [0000-0003-1270-5422](https://orcid.org/0000-0003-1270-5422)

Resumo

Neste relato de experiência, apresentamos nosso trabalho de divulgação científica no Instagram do Instituto Sua Ciência (ISC), do projeto de pesquisa “Discursos cisnormativos na área da saúde e a patologização dos corpos travestis e transexuais”, financiado pelo instituto no edital Ciência + Diversa. Essas publicações buscavam desenvolver os conceitos de “sexo”, gênero” e suas relações e com o discurso científico. Realizamos um levantamento do engajamento das publicações, caracterizando os comentários, com finalidade de compreender quais publicações despertaram discurso de ódio. Das seis publicações realizadas, duas sofreram ataques, com engajamento muito maior do que as demais. Destacamos que os ataques foram de não seguidores do perfil do instituto. Todas as publicações questionavam a normatividade do discurso científico, porém as que sofreram ataque mostravam o “sexo” como um campo de conhecimento fabricado na cultura científica normativa. A maquinaria discursiva cisnormativa acerca do sexo mantém ele como uma verdade biológica inata, sustentando o privilégio cisgênero de autoafirmação natural por estar dentro dessa pariedade sexo-gênero. Simultaneamente, inserem os corpos transexuais e travestis como artificiais por não caber dentro da pariedade. As publicações evidenciaram estas questões, despertando o discurso de ódio em uma tentativa de manter o corpo cisgênero dentro dessa naturalidade, sustentando seu privilégio.

Palavras-chave: Normatividade. Transexual e Travesti. Cisgênero. Divulgação Científica. Discurso de Ódio.

Abstract

In this experience report, we present our work of Science Communication (SC) on Instagram of the Instituto Sua Ciência (ISC), from the research project “Cisnormative speeches in health and the pathologization of transvestite and transgender bodies”, funded by the ISC in the Ciência + Diversa (Science + Diverse) call. These publications sought to develop the concepts of “sex”, “gender” and their relations with scientific speech. We conducted a survey of the engagement of the publications, characterizing the comments, in order to understand which publications aroused hate speech. Of the six publications, two suffered attacks, with much higher engagement than the others. We emphasize that the attacks were from non-followers of the ISC profile. All the posts questioned the normativity of the scientific speech, but the ones that were attacked showed “sex” as a field of knowledge fabricated in the normative scientific culture. The cisnormative discursive machinery about sex maintains it as an innate biological truth, upholding the cisgender privilege of natural self-affirmation by being within this sex-gender parity. Simultaneously, they insert transsexual and transvestite bodies as artificial for not fitting within the parity. The publications highlighted these issues, sparking hate speech in an attempt to keep the cisgender body within this naturalness, sustaining its privilege.

Keywords: *Normativity. Transsexual and transvestite. Cisgender. Science Communication. Hate Speech.*

1. Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo apresentar um relato de experiência sobre a Divulgação Científica (DC) e a reação com discurso de ódio em postagens na rede Instagram. As postagens analisadas são provenientes do projeto “Discursos cisnormativos na área da saúde e a patologização dos corpos travestis e transexuais”, financiado pelo Instituto Sua Ciência (ISC)¹, através do edital Ciência + Diversa.¹

O programa, realizado pelo Instituto Sua Ciência, tem como objetivo fomentar ações que deem visibilidade para cientistas e temáticas LGBTQIAPN+, financiando projetos científicos, em nível de graduação, priorizando pessoas transexuais e travestis, para contribuir com a permanência destas nas universidades. O programa, que já existia no âmbito do ISC, foi contemplado com recursos financeiros por meio do edital Nivea+AllOut para organizações no Brasil. O projeto contemplado tinha como objetivo entender conceitos relacionados a sexo e gênero, bem como os modos como a ciência pode reproduzir e validar discursos cisnormativos e transfóbicos. Ressalta-se que os projetos classificados foram avaliados por pares, seguindo critérios tradicionais da academia para projetos de pesquisa.

Antes de apresentarmos os relatos, consideramos importante citar conceitos e autores que foram utilizados ao longo do projeto de pesquisa. Nosso trabalho de pesquisa fundamentou-se a partir dos estudos de Letícia Nascimento, Anne Fausto-Sterling e Judith Butler, buscando compreender os conceitos de sexo e gênero nos campos biológico e social, e como eles surgem e ditam normatividades para os corpos. Também foi estudado os conceitos de “norma”, “normatividade” e “patologização”, com base no autor Georges Canguilhem (Nascimento, 2021; Butler, 2001; Fausto-Sterling, 2018; Canguilhem, 2009).

O projeto fez um levantamento de documentos relevantes para a saúde de pessoas transexuais e travestis, chegando a 15 documentos no total. Foi selecionada a Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde (CID), realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como objeto de análise. Dentre os documentos levantados, a CID foi escolhida devido a sua relevância não só para o Brasil como no mundo.

Conforme a organização do programa do Instituto Sua Ciência, a contrapartida do financiamento era produzir relatórios periódicos de divulgação científica no formato de postagens para o Instagram. Este trabalho era executado por várias pessoas, desde o pesquisador de Iniciação Científica, realizando o estudo teórico e elaborando o material, passando pela orientadora com correções e adequações necessárias, e formato e planejamento de divulgação, realizada pelo ISC. O objetivo deste trabalho é analisar os temas que despertam o discurso de ódio dentre as publicações realizadas pelos relatórios periódicos do programa “Ciência + Diversa”.

¹ O perfil do ISC pode ser visto em: <https://www.instagram.com/suaciencia/>

2. Metodologia

As postagens realizadas foram idealizadas a partir de artigos e estudos de referência para o projeto de pesquisa aprovado no Edital. Nas primeiras semanas, estabeleceu-se um cronograma de temáticas relevantes no contexto de vincular a bibliografia a um público não acadêmico. Isto é, buscamos criar uma linearidade de temas que desse condições de o público, ao longo do desenvolvimento do projeto, acompanhar as discussões trabalhadas com o referencial teórico, enquanto o material documental era lido e analisado.

Na etapa de organização de materiais para DC, foram realizadas seis postagens. Estas foram elaboradas no formato de carrossel, contendo 10 imagens informativas cada. Dependendo dos assuntos abordados nas postagens, houve diferentes respostas do público. Duas delas foram atingidas por uma onda de ódio, contendo comentários negativos, transfóbicos e xingamentos. No engajamento geral das publicações existia uma participação ativa de amigos e colegas dos grupos de trabalhos. Porém, atingindo um público muito diferente quando gerado o *hate*. Discutiremos na próxima seção este detalhamento.

Os dados das postagens, envolvendo o Ciência Mais Diversa no Instagram, foram compilados no dia 01/06/2023, por meio da ferramenta de análise de conteúdo ("*Insights*") do *MetaBusiness*. Esses resultados indicam maior alcance e engajamento nas publicações que eram personalizadas aos relatórios de projeto do bolsista do que publicações com temática similar que traziam uma autoria da organização, do perfil representando a pessoa jurídica do Instituto Sua Ciência.

Após a organização do engajamento das seis postagens, os comentários das publicações que sofreram ataques de ódio foram caracterizados para analisarmos qual tema específico de cada postagem despertou o discurso de ódio. Essa organização foi feita através da cópia de todos os comentários, de cada postagem, incluindo respostas aos comentários. Analisamos as interações, buscando entender se eram elogios, xingamentos, questionamentos, ataques ou outras interações. Esta coleta e organização foi feita em uma planilha, em que conseguimos tanto contabilizar as interações, por postagens, quanto categorizar e filtrar para as análises.

No geral, comentários positivos elogiando a postagem ou algum integrante da equipe e comentários de emojis positivos como corações, sorrisos, aplausos, foram classificados em "elogios e emojis positivos". Dos comentários de ódio, foram caracterizados de acordo com os padrões que apareciam em cada postagem, no caso das duas em que atraíram o discurso de ódio, as categorias foram "transfobia"; "acusação de pseudociência ou *fake news*"; "ridicularização e xingamentos avulsos". Já outros comentários muito específicos, dúvidas, ou que não eram compreensíveis foram classificados como "outros". A equipe também trabalhou ativamente para responder os comentários com intuito do diálogo e de desmistificação, neste foram classificados como "resposta da equipe".

É importante ressaltar que as discordâncias sem xingamentos ou ridicularizações, ou acusações sem fundamento, foram apenas inseridas na categoria “outros” como discordantes. Uma vez que discordar, por si só, não se configura como discurso de ódio.

3. Resultados e Discussão

3.1. Caracterização das postagens

Ao longo do desenvolvimento do projeto, elaboramos uma linearidade de temas para as postagens, a fim de aproximar o público que acompanha o ISC dos estudos de gênero. É importante ressaltar que, neste artigo, entendemos que o sexo é um efeito discursivo do gênero, logo, não se nasce de nenhum sexo (Butler, 2001; Nascimento, 2021). Tendo em vista que o privilégio cisgênero de se autodeclarar natural é obter uma maquinaria discursiva que consiga esconder seus processos de produção de gênero, construindo uma suposta condição natural de um sexo para um gênero. Enquanto colocam corpos trans em um lugar de uma construção artificial de suas identidades por não condizer com esse suposto sexo natural. Destaca-se, então, que entendemos como pessoas trans, neste trabalho, identidades de gênero subalternas, isto é, que rompem com as normas cisgêneras, deflagrando com os processos materialização do sexo. Entendendo pessoas cis como aquelas que mantenham o privilégio cisgênero de se autodeclarar natural (Nascimento, 2021).

Quadro 1: Publicações e engajamento

Publicação	Data	Alcance	Curtidas	Comentários	Salvamentos
Você sabe o que é sexo?	02/06/2022	4551	499	122	184
Você sabe o que é gênero?	29/06/2022	1485	189	15	38.
Sexo vs. gênero	26/07/2022	1933	205	12	12
Ser cis, ser trans	21/09/2022	2545	266	127	51
Você sabe o que é CID?	22/12/2022	1221	84	12	18
Da média à normatividade	29/12/2022	1818	92	8	19

Fonte: Instituto Sua Ciência.

A primeira publicação, “Você sabe o que é sexo?”² (ISC, 2022a), abordou o conceito “sexo”, apontando as construções dentro do campo biológico e social do termo. Trabalhamos a questão da classificação da diversidade biológica, em relação aos sistemas reprodutivos e os modos como estes delimitaram-se dentro de uma narrativa binária. Desta forma, incapaz de abranger a diversidade de desenvolvimento sexual do corpo. A postagem trouxe, como autora principal, Anne Fausto-Sterling, explicando o desenvolvimento das características sexuais através de camadas que

se sobrepõem formando relações complexas entre si e desenvolvendo características sexuais que se comportam muito mais como um espectro do que ²como uma divisão binária entre masculino e feminino (Fausto-Sterling, 2018).

Foram citadas cinco camadas de desenvolvimento pré-natais, relacionando os cromossomos com o desenvolvimento de gônadas, hormonal e genital, ressaltando a diversidade de combinações e estruturas que podem ser desenvolvidas. Também é descrito duas camadas de formação após o nascimento, que ocorrem juntamente com os processos de socialização de gênero. A postagem conclui que existe uma diversidade de estruturas sexuais, combinações cromossômicas e hormonais que produzem corpos muito mais diversos que duas caixas e que classificá-los assim é ignorar a diversidade humana (Fausto-Sterling, 2018).

É importante ressaltar que esta foi a publicação em que houve maior quantidade de mensagens ofensivas - seja por comentários abertos, seja por mensagem direta (DM), no perfil do Instagram do ISC. Sendo que estas mensagens por DM não foram analisadas por nós. Muitos dos perfis com ataques direcionados estavam sem identificação direta, sem fotos de pessoas nas imagens de perfis e/ou descrições na bio. A equipe do ISC e seus voluntários agiram imediatamente respondendo e denunciando alguns comentários e todos os comentários realizados ainda estão lá no post.

Esta foi a postagem com mais alcance e foi observado que, destes comentários, existe uma série de xingamentos e desqualificações da pesquisa em si, baseados em transfobia. Esta publicação alcançou 4551 contas, com 499 curtidas, 122 comentários e 184 salvamentos (ISC, 2022a). A caracterização destes comentários será discutida na próxima sessão (3.2), juntamente com a caracterização dos comentários da publicação “Ser cis, ser trans” (ISC, 2022b).

A segunda publicação chama-se “Você sabe o que é gênero?”³ (ISC, 2022b) e foi elaborada a partir do debate traçado por Letícia Nascimento, sobre as três ondas do feminismo de uma forma transcêntrica para compreender a categoria “gênero” (Nascimento, 2021). A postagem aborda essas ondas para debater as mudanças do conceito de gênero ao longo da história e como elas se relacionam com as ideias dominantes de cada época, ainda abordando como ocorre a disputa política e social por mudanças neste conceito. Nesta publicação no Instagram, foram alcançadas 1485 contas, com 189 curtidas, 38 salvamentos e 15 comentários (Tabela 1), sendo 14 de “elogios e emojis positivos” e 1 sendo “outros” (ISC, 2022b).

Assim, a postagem informa que a primeira onda do feminismo compreende a mulher como uma identidade universal. Ainda afirmando que essa mulher se enquadra nos padrões brancos, cisgêneros, ricos e heterossexuais da época, incluindo as outras formas de ser mulher. Neste caso, sexo e gênero eram tratados como sinônimos. Vários questionamentos realizados na época levam

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeUMXuNs-II/>

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfZpFYRP7kE/>

à segunda onda do feminismo, que compreende a mulher como uma identidade plural, mas que mantém o fundacionalismo biológico, ou seja, o sexo é a base para construção de gênero e mantém mulheres trans e travestis de fora da pluralidade do feminismo. A terceira onda do feminismo, abordada pela postagem, insere os debates sobre interseccionalidade, que avançaram em conjunto com diversos grupos transfeministas que questionam a ideia de existir uma base biológica para gênero. A postagem conclui que relações complexas entre corpo e sociedade formam identidades de gênero que podem ou não caberem dentro da cisnormatividade (Nascimento, 2021).

A terceira publicação, “sexo vs. gênero”⁴ (ISC, 2022c), questionou o dualismo entre sexo e gênero, aprofundando nas discussões trazidas pela Nascimento e Fausto-Sterling (Nascimento, 2021; Fausto-Sterling, 2002). Nesta postagem, abordamos o corpo estudado pela ciência e o corpo produzido pela ciência moderna, a partir do que foi considerado padrão, simultaneamente produzindo a ideia de padrão enquanto legítima este saber sobre o corpo como válido e legítimo: o corpo masculino, branco, europeu, cisgênero e rico. Neste contexto, é abordado que ambas as autoras dizem que os conhecimentos a cerca de sexo e gênero estão dentro de uma sociedade e herdaram as relações de poder desta (ISC, 2022c). Esta publicação alcançou 1933 contagens, com 205 curtidas, 70 salvamentos e 12 comentários (Tabela 1), sendo 11 “elogios e emojis positivos” e 1 sendo “acusação de pseudociência ou *Fake news*”.

Ainda nesta postagem, abordamos o conceito de “poder hegemônico da cisnormatividade”, desenvolvido por Nascimento, que são diversos aparatos discursivos, jurídicos, médicos, políticos e religiosos que colocam o corpo cisgênero como pré-cultural. Neste sentido, existe uma discursividade que naturaliza a cisgeneridade e insere os corpos travestis e transexuais dentro de uma compreensão de artificialidade. Dentro desta lógica, a construção da identidade de gênero parece ser uma narrativa de corpos trans, uma vez que pessoas cisgênero seriam (e teriam um corpo) natural (Nascimento, 2021). Assim, a postagem questiona a neutralidade do discurso científico e suas relações sociais de naturalização dos corpos cisgênero, constituindo o que nomeamos por cisnormatividade (ISC, 2022c).

A quarta publicação, “Ser cis, ser trans”⁵ (ISC, 2022d), se propôs a explicar o que é ser cisgênero e transexual, problematizando uma definição única e comum, em que socialmente se atribui a um sujeito o sexo biológico. Para isso, a publicação fundamenta-se em conceitos desenvolvidos por Judith Butler, tais como norma regulatória e performância de gênero. Neste sentido, abordamos como o sexo torna-se um efeito do gênero, por ter sido materializado através de normas regulatórias. Além disso, abordamos a noção de que todos possuem uma idade de gênero construída a partir de normas regulatórias impostas pela cisgeneridade (Butler, 2001). Esta publicação alcançou 2545 contagens, com 266 curtidas, 51 salvamentos e 127 comentários (Tabela

4 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgftWoPMcrl/>

5 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiyEHwRDv0P/>

1), A caracterização destes comentários será discutida na próxima sessão (3.2), juntamente com a caracterização dos comentários da publicação “Você sabe o que é sexo?”.

Assim, nesta publicação, discutimos que ser trans são aqueles corpos que negam as normas escancarando as construções artificiais do gênero e ser cis como ter o privilégio de se autodeclarar natural, escondendo que também possaram por construções artificiais de gênero por possuírem maquinarias institucionais para isso, uma delas a ciência. A publicação conclui que ser trans é estar exposto por rejeitar as normas e escancarar a artificialidade para manter o poder nas mãos cisgêneras (ISC, 2022d).

A quinta publicação, “Você sabe o que é CID?”⁶ (ISC, 2022e), apresenta o Catálogo Internacional de Doenças (CID), que é o documento principal de análise do projeto de pesquisa. A postagem traz o contexto histórico do documento, a fim de apresentar a sua importância na sociedade e o impacto de suas normas nos corpos que se destoam do padrão. A CID é uma ferramenta que categoriza e padroniza sintomas, doenças e problemas relacionados à saúde, buscando sistematizar e organizar tudo isso dentro de um documento cuja estrutura possibilita a análise sobre a incidência de sintomas e acometimentos do corpo, mais diversos no mundo e que reflete o avanço da medicina atualmente (Who, 2023).

Nessa postagem, trouxemos também um resumo das modificações realizadas acerca das noções de gênero e sexualidade em cada versão, inclusive da retirada de homossexualidade de lista e, trinta anos depois, de transexualidade. Nossa publicação aponta, por fim, que a CID é um documento oficial de saúde, cuja padronização traz, sim, muitos pontos positivos para a saúde humana. Todavia, também aborda a necessidade de pensarmos sobre os usos deste documento como legitimador do que é ou não doença e dos efeitos nos corpos das pessoas, a responsabilização e vulnerabilidades criadas a partir desta síntese oficial. Em especial, ressaltamos, na postagem, o quanto o CID estabelece uma normatividade sobre o corpo, e funciona, enquanto status de embasamento científico, como fundamento para patologizar corpos patologização que destoam da norma (ISC, 2022e). Em especial, apontamos isto em relação à homossexualidade e transexualidade. Esta publicação alcançou 1221 contagens, com 84 curtidas, 18 salvamentos e 12 comentários (Tabela 1), sendo 10 “elogios e emojis positivos” e 2 sendo “outros”.

A sexta e última publicação, “Da média à normatividade”⁷ (ISC, 2022f), fundamenta-se no debate de Georges Canguilhem sobre a ciência poder ditar normas de vida (Canguilhem, 2009). Iniciamos a postagem explicando conceitos de média aritmética e distribuição normal, argumentando sobre a importância destes conceitos para as ciências, em especial a biologia. Depois, abordamos sobre como o cálculo matemático pode tornar-se uma norma de vida, por

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cme2oXtuJve/>

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmuRrA7pTEu/>

tornar-se uma ferramenta para comparar indivíduos, estabelecendo uma linha para o aceitável, o normal, e o não aceitável, o patológico. Por fim, apontamos ainda o quanto a média não é um fato biológico, mas um conjunto de dados inventados, a partir destas construções conceituais da ciência (Jacob, 2003; Foucault, 2002). Neste sentido, a norma vincula-se aos corpos idealizados como corretos, sadios, bonitos - tanto no que diz respeito ao que se compreende como saúde, quanto à estética, identidade e comportamentos morais e socialmente aceitos - tomando-os como parte de nossa biologia, conforme já apontamos anteriormente. A patologização, decorrente disto, diz respeito aos corpos que destoam da norma - como se ela fosse biológica em si, e não um agrupamento não natural e teórico/conceitual (Canguilhem, 2009). Esta publicação alcançou 1818 contagens, com 92 curtidas, 19 salvamentos e 8 comentários (Tabela 1), sendo 5 de elogios e emojis positivos e 3 sendo "outros".

3.2. "Ser cis não é privilégio": sobre o discurso de ódio em comentários

Em geral, as publicações decorrentes do nosso projeto de pesquisa obtinham um engajamento pequeno. As publicações ficavam com cerca de 90 a 200 curtidas, menos de 20 comentários e alcance de visualizações entre 1221 e 1933. As duas publicações que destoaram foram *O que é sexo*, e *Ser Cis* e *Ser Trans* obtiveram 122 e 127 comentários, 499 e 266 curtidas e, por fim, alcance de 4551 e 2545, respectivamente (Tabela 1).

Ao longo do desenvolvimento do projeto, por ser uma pesquisa que envolve a análise de documentos técnicos de saúde, normativos e padronizantes, temos a compreensão de que existe um tensionamento constante acerca dos modos de fazer ciência e de como estamos lidando com um trabalho que põe em questão pressupostos científicos que possuem um amplo efeito e impacto na sociedade. Consideramos relevante ressaltar que o questionamento acerca do conhecimento científico não foi feito, em nenhum momento, como modo de invalidá-lo, mas de apresentar exatamente como *é possível* e, em certa medida, desejável que se questionem pressupostos, metodologias e resultados históricos da ciência. Tendo em vista que problematizações sobre as verdades científicas são construções realizadas por grupos sociais, temporários e dispostos a serem colocados à prova, às interrogações e debates. Além disso, e apoiando-nos nas palavras de Foucault (2002), a questão ao longo da pesquisa não era sobre se o CID e os estudos acerca de definições de *sexo biológico* e *gênero* são ou não científicos - posto que não era este o objetivo e objeto de nosso trabalho. Mas interrogamos sobre o que queremos dizer quando apontamos que este conhecimento é científico - e que populações são atingidas e quais os efeitos dos discursos científicos sobre corpos, quais corpos e patologias são construídos nestes documentos, na contemporaneidade.

Assim, embora todas as postagens tivessem conteúdos apresentando tensionamentos sobre ciência e sociedade, não foram todas as publicações que atraíram respostas contendo discurso de ódio, com frases transfóbicas, desqualificando a pesquisa e pesquisadores do projeto e do ISC, apenas alguns

questionamentos foram desqualificados e atraíram comentários transfóbicos. Nestas duas publicações, no entanto, observamos um aumento de comentários positivos sobre as postagens também. Consideramos este efeito devido ao maior alcance que uma postagem tem ao aumentar-se a quantidade de curtidas, compartilhamentos e comentários, em geral.

Além disso, consideramos importante ressaltar que em nenhum momento nossa intenção foi trabalhar em uma divulgação científica baseada em um engajamento por ódio. Consideramos que qualquer tentativa de crescimento de perfil ou *engajamento por ódio* não faz sentido, uma vez que o debate científico se perde em meio aos xingamentos e tentativa de ofensas e diminuição dos sujeitos envolvidos na pesquisa e na comunicação. Neste sentido, nas duas postagens não consideramos um efeito “positivo” termos tido um alcance maior, nem era este o objetivo.

O discurso de ódio, segundo Butler (2021), não é correspondente apenas às palavras ou aos termos usados por si só. Dependem de contexto, organização, objetivo. Neste caso, grande parte do que estamos vinculando a discurso de ódio, neste trabalho, diz respeito a aqueles comentários que tiveram uma resposta aversiva (e não apenas discordante) do texto, buscando desqualificar a pesquisa e os sujeitos narrados na pesquisa - especificamente, pessoas trans. Neste sentido, o discurso de ódio foi analisado como aqueles atos de fala que, ao se pronunciarem, buscam a constituição de sujeitos subordinados (Butler, 2021). É relevante apontar que o discurso de ódio tem ganhado destaque em pesquisas acadêmicas e, mais do que isso, apresenta-se como um fenômeno que se direciona aos corpos que não se configuram como *padrões*. Desta forma, tal como analisa Trindade (2022), os discursos de ódio nas redes sociais operam também como uma descaracterização dos sujeitos como pertencentes a espaços e identidades sociais com legitimidade de fala. Os discursos de ódio, mais do que ofensas, como se fosse pouco, constituem-se como uma tentativa de validar hierarquicamente os sujeitos que podem falar e existir no mundo, daqueles que podem apenas ser alocados a partir destes discursos.

Uma questão importante a ser apontada é que Butler nega-se a ver o discurso como limitante em si mesmo, debatendo o quanto analisá-lo criticamente torna-se inseri-lo em um outro movimento, inclusive de insubordinação dos sujeitos a quem o ódio é dirigido. Isso, obviamente, não diminui a dor e o ataque, mas coloca os sujeitos em movimento e em disputa de significados de sua constituição na sociedade.

Nas duas publicações analisadas, tivemos um total de 50 comentários transfóbicos, 24 comentários ridicularizando a equipe ou pessoas trans, 30 comentários apontando que as postagens eram pseudocientíficas ou *fake news*. Além disso, tivemos 8 comentários apoiando-se nas ciências biológicas para reiterar a normatividade do sexo biológico como binário. Nestes últimos, nós os categorizamos como separados de *transfobia*, por buscarem impor uma discursividade biológica como legitimadora da cisnormatividade como fato. Os comentários foram classificados de acordo

com o teor mais acentuado (transfobia, ciências biológicas ou pseudociência, por exemplo), mas de maneira geral, grande parte apresentou uma mistura destes argumentos.

Na publicação “*Você sabe o que é sexo?*”, por exemplo, um dos comentários foi:

“Seria hilário se não fosse absolutamente aterrorizante ver pessoas que dizem divulgar ciência propagando uma ideia tão anticientífica qto dizer que cloroquina cura covid! Se existem mais de dois sexos (não existe) existem tbm mais de dois gametas? Se sim (sabemos que não), como se chamam? Como eles funcionam para produzir outros seres humanos? Tbm vale para os outros milhares de animais que se reproduzem de forma sexuada?”

“Sexo é binário porque só existem dois gametas - espermatozoide e óvulo. Não por conta de aparências e variações do genitais ou até mesmo cromossômicas. Melhorem.”

Sexo é binário! Que hajam algumas variações entre indivíduos do mesmo sexo não significa que se trate de um sexo a mais. Indivíduos XO, por exemplo, com síndrome de Turner, pertencem ao sexo feminino, são mulheres. As condições intersexuais, onde o indivíduo pode ser xy e ter vagina, por exemplo, se trata de uma má formação e não de um terceiro sexo. A própria Anne Fausto admitiu que forçou a barra em seu livro, ao afirmar que 1,7% das pessoas seriam intersex, porque ela incluiu condições onde não se tem ambiguidade sexual. Vocês se acham progressistas mas estão defendendo pseudo ciência, mamadeira de piroca e cloroquina pra covid. Parem de forçar a barra, não existe uma terceira gonada ou um terceiro gameta, só existem dois! Ovarios e testículos, óvulos e espermatozoides. Dois sexos. Vocês estão prestando um desserviço a sociedade

Quando o discurso iluminista da igualdade ganhou destaque no século XVIII, foi necessário justificar a desigualdade. Então o discurso da ciência foi posto em ação. Começaram as medições de crânios de pessoas racializadas para “provar” que elas não eram tão iguais assim, portanto não tinham condições de atingir o nível de civilidade dos “iguais”, vulgo, brancos europeus, deviam permanecer excluídas. Atualmente, vemos algo semelhante acontecendo. Qdo as mulheres compreenderam que eram dominadas em razão do seu sexo e a luta por justiça ficou cada vez mais acirrada, ameaçando a instituição patriarcal do gênero, o discurso reacionário que surgiu foi o de que não se podia saber “o que era uma mulher” e homens, ou em conflito com seu gênero ou por mero esporte, passaram a se “sentir mulheres” e a “performar” a feminilidade criada pelos próprios homens, fazendo nossa luta retroceder. Desde então, ciência patriarcal, como sempre, tem buscado endossar o reacionarismo contra as mulheres tal qual fez, vergonhosamente, contra os negros no século XIX. Crânio maior ou menor, cromossomos sexuais mais diversos que XX e XY, o que está realmente em jogo é a manutenção do status quo. (Comentários retirado da postagem *Você sabe o que é sexo?*, ISC, 2022a).

Percebemos, nestes comentários, o uso de conceitos da biologia - como a quantidade de gametas e cromossomos - como validadores da quantidade de sexos “naturais” ou “não patológicos”/“não desviantes” existentes. Além disso, a noção de trabalhar questões de gênero, questionando a binariedade é posta como uma imposição patriarcal, que teria como objetivo central *desqualificar mulheres* (cisgêneras, no caso).

Se por um lado o feminismo vem trabalhando há décadas para pensarmos a ideia de que *nos constituímos mulheres* dentro do campo social, existe de maneira reiterada a tentativa de algumas

vertentes feministas de inserir na biologia - em especial na anatomia - a nossa identidade de gênero. A desqualificação acontece e é repetida na publicação *Ser cis, Ser trans*, em que repetidamente alguns perfis comentam reiterando a não existência de pessoas trans e o quanto isto vincularia-se a uma deslegitimação de mulheres. Segundo Vitalli *et al* (2019), o discurso de ódio segue a tentativa de legitimação do status quo de nossa sociedade, que é heterocispatricarcal. Neste sentido, os comentários das postagens apontam para o quanto o debate a partir da transgeneridade seria aversivo por, supostamente, colocar em risco a existência de pessoas cis, como se as pessoas cis estivessem em uma situação subordinada e oprimida, dentro de nossa cultura.

Assim, falar sobre as questões trans, a partir da ciência social e biológica, seria classificada como aversiva exatamente por inserir estas pessoas a um espaço de não pertencimento, ou não reconhecimento. “Se a linguagem pode sustentar o corpo, também pode ameaçar sua existência”, nos diz Butler (2021, p.18).

A este respeito, Nascimento (2021) vai abordar a questão do privilégio cis, ressaltando o quanto ser cis não é compreendido como identidade, uma vez que a designação não difere da experiência vivenciada. Neste caso, a vivência e o status social têm um papel de *naturalização* do corpo, que não “torna-se” algo, mas “é”. Abaixo veremos comentários, na postagem *Ser cis, ser trans*, do ISC (2022b), que trazem à tona a estupefatação com a noção de que ser cis insere as pessoas dentro de um privilégio.

Não existe nenhum privilégio em ser “mulher cis”, dentro da minha classe eu posso ter privilégio de raça, pois sou branca e se fosse rica teria esse privilégio também, agora dizer que mulheres são privilegiadas de gênero é misógeno e antifeminista, é uma ofensa a luta das mulheres. Eu tô chocada!

Eu ri das referências. Tá faltando seriedade, informações biológicas falsas. Tudo achismo. Onde é que mulheres são privilegiadas? Quer misturar biologia com sociologia então tem que fazer certo, pq não falam que até hoje em tem país que mutila órgãos genitais femininos (clítoris)? Aproveita e coloca nesse infográfico de terraplana a situação de mulheres no afeganistao. Vai fazer uma entrevista lá e perguntam se elas são cis e se tem algum privilégio...

Eu sou mulher. Fêmea adulta humana. Nasci assim, é uma determinação genética, o XX, imutável. Não sou “cis”.

peguem as taxas de abus0 sexu4l, de estupr0, de feminicídio e vejam q de fato é realmente um privilégio ser mulher (fêmea adulta humana) em qualquer lugar do mundo! ciência cooptada pela seita queer tá tendo aqui. desserviço!

também tô procurando esse tal de privilégio Cis! Ser abusada seria um privilégio cis? Perder oportunidades de emprego por não ter onde deixar minha filha em segurança seria um privilégio cis? (Comentários retirado da postagem *Ser Cis, Ser Trans*, ISC, 2022b).

Letícia Nascimento discute como o uso da idealização de um sexo binário e natural atende interesses específicos, expondo relações de poder a quem interessa as hierarquias sexuais e de

gênero. De tal forma que o modo como as funções reprodutivas são classificadas são puramente sociais e possuem interesse político. De acordo com a autora, o sexo é constituído por discursos, faz parte de um conjunto de saberes culturais e históricos. Já o gênero é o dispositivo de construção e produção do sexo (Nascimento, 2021).

Com base nisso, Nascimento desenvolve o conceito de privilégio cis, uma vez que todos os corpos passam por processos de materialização em cima dessas práticas discursivas sobre sexo. Contudo, os corpos cis possuem uma maquinaria discursiva, jurídica, institucional, religiosa ao seu favor, colocando eles mesmos em uma posição de natural, com uma justaposição de sexo e gênero reais. Enquanto os corpos trans são considerados uma produção artificial e falseada da realidade cisnormativa (Nascimento, 2021). Dessa forma, a discussão da demarcação de pessoas cis tem como intuito retirá-las de seu lugar de falsa naturalidade e privilégio. O termo “cisgênero” expõe um grupo dominante que possui seu gênero fabricado tal qual pessoas trans. Além disso, força pessoas cis a olharem para si e perceberem que seus gêneros são artificiais e construídos. Ela ainda afirma o conceito de cisgeneridade como uma máquina de guerra discursiva que expõe que corpos generificados se dizem naturais para se apropriarem do direito de subalternizar outros corpos generificados (Nascimento, 2021).

A partir destes conceitos, fica evidente - tal como nos comentários das postagens - a necessidade que as pessoas cisgêneras tem de ocultar os processos de fabricação de gênero e de sexo para sustentar seu privilégio. A maneira que, quando colocado o sexo como algo para além do binário no post “você sabe o que é sexo?” e ainda é exposto que ele poderia ter sido classificado e categorizado de outras formas que incluiriam mais corpos, o sexo é posto neste local gentrificado. Assim como é evidenciado na publicação “*Ser cis, ser trans*”, em que todas essas discussões em relação à justaposição de sexo e gênero são postas de forma clara, evidenciando o privilégio cisgênero de possuir uma maquinaria discursiva para sustentá-lo (Nascimento, 2021).

Obviamente que, ao falar de privilégio cis, em nenhum momento se questiona a histórica opressão a corpos de mulheres cis. Em nenhum momento o cerne do debate é a invalidação de vivências e a omissão de violências a quaisquer corpos. Todavia, é fundamental que se ressalte o quanto a discursividade de não existência de corpos e pessoas trans é violentar reiteradamente pessoas, suspendendo as suas condições de vida.

Essas publicações possuem em comum o fato de desmitificarem a falsa naturalidade dos corpos cis expondo seus privilégios. Por isso, os comentários possuem em sua maior característica a negação daquela informação que está sendo colocada para evidenciar seus privilégios. Em ambas as publicações observamos comentários afirmando ser negacionismo, *Fake News* e pseudociência na tentativa de uma negação daquela informação, sendo um total de 30 comentários, além do uso

de conceitos de biologia de forma equivocada (propositalmente ou não). Como é o caso daqueles que dizem que pessoas trans negam seu próprio corpo biológico, associações a patologias, ou ataque direto às mulheres trans.

Como a própria Letícia Nascimento afirma “Na verdade, por vezes, o delírio cisgênero é tão assustador que sequer se marcam como corpos generificados, dada a incontestável naturalidade essencial de suas subjetividades” (Nascimento, 2021, p. 101).

4. Conclusão

Neste trabalho, buscamos analisar comentários com discurso de ódio, em postagens sobre o projeto de pesquisa “Discursos cisnormativos na área da saúde e a patologização dos corpos travestis e transexuais”, financiado pelo instituto no edital Ciência + Diversa. Nos centramos em duas postagens, de 6 realizadas, no perfil do Instituto, na rede social Instagram. Todas as postagens realizadas por integrantes do projeto tinham como objetivo apresentar estudos acerca das compreensões de gênero, sexo biológico e social, além das relações de patologização de corpos trans e normatividade na ciência. Em 4 destas postagens, não houve ataques aos integrantes da equipe, ao instituto ou ao teor do conteúdo.

A questão das duas publicações que sofreram ataque do discurso de ódio, é que elas oferecem enfoque às normatividades da ciência que constituíram os campos de “sexo” e sistemas reprodutivos, oferecendo um olhar de como estas normatividades afetam corpos transexuais, travestis e intersexo e privilegiam pessoas cis e não-intersexo. Isso despertou o preconceito e o discurso de ódio, como uma tentativa de diminuir ou invalidar o projeto e o debate proposto.

É relevante reiterar que os ataques aconteceram por perfis que não seguiam o projeto, apresentando-se como potencialmente vinculados a ataques organizados. Também aconteceram muitos ataques diretamente nas mensagens privadas do Instituto - as quais tomamos a decisão de não expor o conteúdo.

A divulgação científica, como espaço de diálogo e acesso ao conhecimento científico, pensando-o como ferramenta para pensar e agir no mundo, tem como pressuposto a responsabilidade com a produção de conteúdos. Neste sentido, não foi o intuito das publicações estimular o engajamento por ódio, mas propor um debate aberto com seguidores e interessados na temática.

Por fim, tomando essa noção de divulgação científica como pressuposto de nosso trabalho, também compreendemos, apoiando-nos na ideia de Butler (2021) de analisar os discursos de ódio como postura crítica para ressignificar e tornar esta análise parte de uma luta por direitos de existência, a divulgação científica que defendemos posiciona-se a favor de uma ciência inclusiva, que esteja ao lado dos direitos humanos e da existência de pessoas, legitimando sua permanência dentro e fora da ciência, não como objeto, mas como pessoas que vivem em sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Sua Ciência pela concessão da bolsa no Edital Ciência + Diversa e pelo espaço e oportunidade de desenvolver este projeto de pesquisa, aliado a uma atividade de divulgação científica.

Referências

- BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: Guacira Lopes Louro (org). **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 174 p.
- BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 281p.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Barueri: Editora Forense Universitária, 2009. 129 p.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em Duelo. **Cadernos Pagu**, 2002. 79 p.
- FAUSTO-STERLING, A. Por qué el sexo no se limita a ser mujer u hombre. **The New York Times**, New York, 30 Out. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2018/10/30/espanol/opinion/sexo-no-es-binario.html>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- FOUCAULT, M. 2002. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 17ª ed, 2002.
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Você sabe o que é sexo? **ISC**, 2022a. Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeUMXuNs-II/>; Acesso em: 04 de jun. 2023
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Você sabe o que é gênero? **ISC**, 2022b. Disponível em: Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfZpFYRP7kE/>; Acesso em: 04 de jun. 2023
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Sexo Vs Gênero **ISC**, 2022c. Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgftWoPMcrl/>; Acesso em: 04 de jun. 2023
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Ser cis, ser trans. **ISC**, 2022d. Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiyEHwRDv0P/>; Acesso em: 04 de jun. 2023
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Você sabe o que é o CID? **ISC**, 2022e. Disponível em: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cme2oXtuJve/>; Acesso em: 04 de jun. 2023
- INSTITUTO SUA CIÊNCIA. Da média à normatividade. **ISC**, 2022f. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmuRrA7pTEu/>; Acesso em: 04 de jun. 2023

JACOB, F. **A lógica da vida: uma história da hereditariedade**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2003

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 191 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (handicaps)**: um manual de classificação das conseqüências das doenças. Lisboa: OPAS, 1989. 52 p.

TRINDADE, LV. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2022.

VITALI MM, CASTRO A, CARAVACA-MORERA J, SORATTO J. “Homem é homem e mulher é mulher, o resto, sem-vergonhice”: representações sociais da transexualidade sobre comentários da internet. **Saude soc** [Internet]. 2019Oct;28(4):243–54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170535>. Acesso em: 30 set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases 11th Revision**: The global standard for diagnostic health information. Genebra: ICD. Disponível em: <https://icd.who.int/en>. Acesso em: 30 set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Organization**. Genebra: WHO. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 30 set. 2022.

Sobre os autores

Raffael Rotta

Graduando em Ciências Biológicas da Unicamp
email: r249464@dac.unicamp.br

Juliana Fedoce Lopes

Doutora em Química, Professora e Pesquisadora na Universidade Federal de Itajubá.
Presidente do Instituto Sua Ciência

Ana de Medeiros Arnt

Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Unicamp